A grande viagem, Pedro Álvares Cabral – 1500

TÁCITO THEOPHILO GASPAR DE OLIVEIRA(*)

Como e quando teria sido engendrada a Grande Viagem que trouxe ao Brasil as Caravelas de Pedro Álvares Cabral?

Os embates travados pelos povoadores Romanos, Celtas e Árabes que cobiçavam as terras das Espanhas, os duros combates e dominações, duradouras ou não, ora de outro, tudo concorre para tornar mais bela e heróica a História dos que lutaram para fundar uma Nação naquele trato de terra que chegava às margens do Oceano. Séculos de guerras, de vitórias incontáveis e de derrotas amargas...

Afonso Henrique, filho de D. Tereza, herdeira das terras ao S. do Minho e casada com D. Henrique, discorda da orientação seguida por sua mãe no trato dos negócios do Reino; decide atacá-la e aos seus partidários. Vence-os e se lança sobre seu vizinho D. Afonso VII. Derrotado este, volta-se contra os mouros e também os derrota, em Ourique.

Afonso Henrique é o Fundador do Reino, cuja emancipação se dá em 1139 e cujo Brasão ostenta as 5 Chagas de Cristo e os 7 Castelos tomados aos mouros.

Haveria de chegar o dia em que a Batalha de Aljubarrota (1385) asseguraria em definitivo a posse do território aos portugueses.

Quando D. João I assume o trono, casa-se com D. Filipa de Lancaster, uma inglesa de fino trato e de larga visão política.

Firmam-se novas alianças com a Inglaterra e a Santa Sé.

Ergue-se o Mosteiro da Batalha. Há um surto de progresso. As vistas se voltam não mais para a vizinha Espanha, para o mar. Constroem-se portos e uma Universidade. Desperta-se o gosto pelas letras e costuras mais refinados.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Diz Pedro Calmon: *"Raramente terá uma família reinante produzindo um tão representativo conjunto do que de mais espiritual produziu o século"*. E passa a examinar as personalidades de cada um dos filhos: D. Duarte (o herdeiro da Coroa), D. Pedro, D. Fernando, o Infante D. Henrique, D. João e a Infanta Isabel.

O Infante Dom Henrique, de forte personalidade, foi dessas inteligências privilegiadas que aparecem em determinados períodos para traçar rumos, orientar e, por vezes, conduzir os acontecimentos. Surgem, brilham e desaparecem.

Com ele, D. Duarte, D. Pedro e D. Fernando, planeja-se e se prepara a tomada de Ceuta que se tornara não só importante ponto comercial como foco da pirataria. Coube a D. Henrique encomendar e preparar a frota invasora. Outras tarefas foram entregues aos seus irmãos.

Já a Rainha Filipa catequizara os filhos, dando à luta o caráter de Guerra Santa, no que contou com o apoio do Papa. Cinco dias após sua morte, vítima da peste, zarpa a frota, com mais de 200 embarcações e 80.000 combatentes.

Era uma Cruzada que partia para uma Guerra Santa.

A frota chegou frente a Ceuta e, com ventos desfavoráveis, teve que retroceder. Voltaria 4 dias depois e encontraria a cidade desguarnecida. Conseguiria vencer facilmente.

A destruição, o saque e a mortandade dos habitantes, inclusive mulheres e crianças, contam a história dessa vitória que foi comemorada com a celebração de uma Missa, na Mesquita da cidade elevada, para tanto, a Catedral.

Eduardo Bueno ressalta que *"a tomada de Ceuta seria a última Cruzada e a primeira vitória européia sobre os árabes, na África, desde os dias de glória do Império Romano. Seria, também, o início da expansão ultramarina portuguesa que se estenderia por três Continentes ao longo dos três séculos seguintes"*.

Dom Henrique que participara da tomada de Ceuta e era responsável pela sua defesa viu, com alívio, os mouros fracassarem na tentativa de retomá-la, pois lá não estava; resolveu, então, ali permanecer por 8 meses colhendo informações sobre o que ocorrera e o que concorrera para tornar Ceuta um empório co-

mercial tão importante. Acabou descobrindo que as caravanas que ali chegavam se abasteciam nas terras de Guiné e Senegal.

Ao regressar a Portugal, Dom Henrique imprime à sua vida um caráter monástico. Permanece solteiro. Cerca-se de homens de saber: cartógrafos, astrônomos, astrólogos e de velhos e experimentados Capitães. Esse grupo passou a ser conhecido e deu nome à chamada "Escola de Sagres", embora não tivesse esse caráter e nem mesmo ali se reunisse.

O pai de Dom Henrique nomeou-o Governador da região de Algarve e Administrador da Ordem dos Cavaleiros de Cristo.

Dom Henrique do seu promontório debruça-se sobre o mar e seu olhar se perde no horizonte. Ali pertinho, em Lagos, no fundo de uma tranqüila baía estão os que podem ajudá-lo a levar avante sua determinação em descobrir o caminho que, através do Oceano, o levaria às Índias.

Chegam os portugueses à Ilhas de Madeira e sua vizinha Porto Santo que, pouco a pouco, vão sendo povoadas e exploradas. Avançam até os Açores.

Já 20 anos eram decorridos desde a vitoriosa Campanha de Ceuta, quando Dom Henrique e seu irmão Dom Fernando lançam-se afoitamente, com apenas 6.000 homens, para tentar a conquista de Tanger.

Desembarcam e conquistam Tetuã mas, foram fragorosamente derrotados em Tanger.

A paz negociada deveria durar cem anos e exigia a devolução de Ceuta, permanecendo Dom Fernando como seu fiador. Ceuta não foi devolvida, nem Fernando libertado, vindo a falecer seis anos depois nos cárceres dos árabes.

Persiste Dom Henrique na procura do caminho do mar para chegar às Índias. Por isto, volta com seus barcos à costa africana até que estes acabam se defrontando com o "Cabo Não", além do qual não havia vida possível. Mas, contra a lenda e a ficção, bate-se o Infante chegando a despachar 15 expedições até o Cabo Bojador. A última, comandada por Gil Eanes, já famoso navegador, fracassa e D. Henrique obriga-se a voltar imediatamente. Em desesperada tentativa afasta-se do Cabo Bojador e, quando inflete para

o litoral, verifica que conseguiu ultrapassá-lo. Vencera o "Medo", desfizera a lenda. Ingressou como Cavaleiro, na Ordem de Cristo.

Vencido o Cabo Bojador, o marco que assinalava o fim do mundo habitável, além do qual o calor não permitia a vida humana, estava aberta a cortina para a continuação do trabalho de exploração de Dom Henrique.

Ano após ano prossegue o périplo do Continente africano, facilitado com aparecimento de novas embarcações e meios mais avançados de navegação; surgem a Caravela, o Astrolábio, a Agulha de marear, além de cartas marítimas que ajudavam a singrar os mares.

Concomitantemente manifestam-se as trocas de produtos e são feitos os primeiros escravos.

Vencido o Cabo do Medo em 1434 descem os portugueses pelo litoral africano e chegam ao Senegal, avançam até o Cabo Verde, Cambia, Serra Leoa.

Quando morre, Dom Henrique, em 1640, já se preparava para prosseguir para a Libéria mas, seu sobrinho Afonso V torna a virar as costas para o mar. Não tinha a visão de Dom Henrique que passaria à História como "O Navegador", mesmo sem ter viajado além de Ceuta e Marrocos.

Na Batalha de TORO (1476) Afonso V verifica a impossibilidade da união com a Espanha.

Afonso V teve como sucessor seu filho D. João II, cuja vocação marítima logo se manifestou. Prosseguem os portugueses velejando até que Bartolomeu Dias chega ao Cabo das Tormentas, em 1487. D. João II passa a chamá-lo de Cabo da Boa Esperança, pois queria vencê-lo.

Manda sondar os caminhos que, por terra, levavam à Etiópia e à Somália e dali, por mar, à Índia.

Senhor de seguras informações, evitando improvisações, D. João II tem tudo planejado e vê tranqüilo partirem as naus de Vasco da Gama levando soldados, armamento, gêneros e água. Era o dia 8 de julho de 1497.

O velho navegante deixa Portugal em busca de alto-mar; passa ao largo da ilhas suas conhecidas, afasta-se do litoral africano e do Golfo da Guiné e chega ao Cabo da Boa Esperança. Fora

bem-sucedido com a manobra marítima chamada "Volta do mar" que lhe propiciara evitar as calmarias. Dobra o Cabo da Boa Esperança... E aqui ouço o eco dos Cantos de Camões.

"Porém já cinco sóis eram passados
Que dali nós partíramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados
Prosperamente os ventos assoprando
Quando u'a noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando
Da nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece."

E daquela nuvem surge a figura "medonha" de um gigante fazendo perguntas amedrontadoras sobre a viagem, Vasco da Gama o interrompe e indaga: *"Quem és tu?"* E responde em *"espantoso e grande brado"* o gigante Adamastor;

"Eu sou aquele oculto e grande cabo
A quem chamais vós outros Tormentório.

* * *

Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontório".

Vasco da Gama deixa o Cabo da Boa Esperança e aproa a Moçambique. Prossegue. Detém-se em Mombaça a fim de embarcar um piloto árabe que lhe indicaria o rumo para chegar a Calicute (20 de maio de 1498).

Inicia sua viagem de retorno e chega a Portugal a 9 de agosto de 1499, a tempo de transmitir valiosas informações a Pedro Álvares Cabral.

Antes dele, chegara a Lisboa, Cristovão Colombo, de regresso da viagem patrocinada pelos Reis de Espanha. Anunciava Colombo ter descoberto o caminho das Índias, navegando no sentido de Leste a Oeste.

A fim de assegurar a posse dessas terras, buscam então os Monarcas Espanhóis a autoridade suprema do Papa que também era espanhol.

Como bem lembra nosso Hélio Viana, na Idade Média e início da Moderna, a Santa Sé sempre esteve acima das Nações Católicas, sendo reconhecida sua autoridade e sua ascendência, admitindo-se que só à Cúria Romana *"competia distribuir, entre os Príncipes Católicos a missão cristianizadora a ser desenvolvida violenta ou pacificamente, em ilhas e terras dos infiéis"*.

Foi assim que o Papa assegurou os direitos dos espanhóis às Ilhas Canárias e o caráter de cruzada à ação dos portugueses sobre Ceuta.

Ao tempo de D. Henrique, a Ordem de Cristo tomou a si o povoamento e exploração das ilhas da Madeira, Porto Santo, Açores e Cabo Verde, onde se utilizou o Regime das Capitanias Hereditárias que depois seria também adotado no Brasil.

Outros atos do Sumo Pontífice confirmam privilégios também aos espanhóis. Mas, com o regresso de Cristovão Colombo, o Papa Alexandre VII, com sua famosa Bula "Inter Coetera", retificada três vezes, distribuída ilhas e terras "achadas e por achar, descobertas ou por descobrir para o Ocidente e o Meio-Dia de uma linha que viria de um a outro Polo, etc.".

A Bula foi outorgada em março de 1493.

Temerosos dos direitos concedidos aos Reis de Portugal, os Reis Católicos conseguiram que Alexandre VI desse nova redação à "Inter Coetera" e dessa vez a oposição vem dos Reis de Portugal. Uma outra redação aparece em 4 de maio e é expedida a 29 de junho.

Estudando a disputa que se travou pela posse das terras descobertas, Adolfo Varnhagen mostra que cada um dos Reinos levava seus argumentos ao Sumo Pontífice em defesa dos direitos que julgava prejudicados. E continua: as emendas da Bula foram conseqüência de sua redação, da "falta de clareza da linguagem", pois Alexandre VI concedeu o que lhe pediam os Reis Católicos, estendendo as concessões *"a todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir, que ficassem a Oeste da linha meridional imaginada a cem léguas das Ilhas dos Açores e das de Cabo Verde"* (Varnhagen).

Reage D. João II, quando julga que as concessões que lhe haviam sido feitas estavam passando às mãos dos espanhóis e tenta, inutilmente, fazer valer seus direitos.

Diante da ameaça de um conflito que não interessava à Espanha, enviaram os Reis Católicos seus Embaixadores para resolver a disputa por meios pacíficos.

Difícil seria emendar a Bula Papal e acordaram as duas partes em reunir-se em Tordesilhas onde ficou decidido que o Meridiano demarcador dos limites entre os dois Reinos seria levado mais para Oeste. Assim, o Meridiano demarcador passaria a 370 léguas a oeste do Arquipélago de Cabo Verde.

Esgotaram-se os 10 meses previstos para a demarcação do Meridiano de Tordesilhas. Nunca foi demarcado por razões várias mas, principalmente, por prever a medição em léguas e também por referir-se a arquipélago e não especificamente a uma de suas ilhas.

Cristovão Colombo que não conseguira a aprovação de D. João II para sua planejada viagem às Índias, navegando de Leste a Oeste, levara sua proposição aos seus vizinhos espanhóis.

Sabe-se que D. João II chegou a examinar a proposta de Colombo mas, diante das informações de que dispunha não aceitou seus serviços.

Não entendem os historiadores por que não aceitou Dom João II a entrada de Colombo no seu círculo de grandes navegadores.

Diz Varnhagen na sua História Geral: ... *"não admira que os cosmógrafos mais entendidos não pudessem da crédito às teorias de Colombo de estar a China, pelo lado do Atlântico, mais perto da Espanha do que lado do Oriente. Admiremos no grande genovês a sua fé e perseverança."*

As 3 Caravelas de Cristovão Colombo: Santa Maria, Pinta e Nina partirem do porto de Palos em 3 de agosto de 1492 e a 12 de outubro chegaram à Ilha de Guanahani (nas Antilhas), descobrindo a chamar "Índias Ocidentais".

Quem verdadeiramente alcançou a Índia, navegando até contornar o Cabo da Boa Esperança e chegar a Calicute, foi Vasco da Gama, cerca de seis anos mais tarde.

Vale ressaltar que desde que se defrontara com a Ilha de Cabo Verde, o grande navegador tomara o rumo de sudoeste, executando a "Volta do mar", a que já nos referimos.

Vasco da Gama tudo observava em suas viagens e, assim, conhecia os ventos, a vegetação marinha, as calmarias desesperadoras, os pássaros que as aventuravam até muito longe do litoral e a ele sabiam voltar. Em sua longa viagem a caminho das Índias tudo anotara e, no momento propício, transmitiu ao bravo Almirante que haveria de realizar a segunda viagem às Índias a fim de mostrar todo o poderio do seu Rei, que até lá o mandava.

Hoje não há mais dúvida de que Pedro Álvares Cabral sabia que se afastando do Continente Africano, encontraria terra firme: uma ilha, um arquipélago ou até mesmo o que encontrou.

Como também não há mais o que discutir sobre a precedência dos espanhóis nas proximidades do nosso Saliente Nordestino.

Alonso de Ojeda e Juan de la Cosa, famoso cartógrafo, e Américo Vespúcio chegaram às vizinhanças do Cabo de São Roque ou da foz do rio Açu. Também, vindo de Cabo Verde, alcançaria nossas costas a expedição espanhola comandada por Diogo de Lepe.

Em fins desse longínquo ano de 1499, uma outra expedição sob o Comando de Vicente Yanez Pinzon, atravessa a linha do Equador e chega às Praias do Ceará. Não se deteve muito tempo mas, não resta dúvida de que se defrontou com as brancas dunas do litoral cearense no local que batizou de "Rostro Hermoso". Antes que qualquer outro, Pinzon desembarcou em nossas praias. Permitem-me repetir o que já disse alhures: o "Rostro Hermoso" mais a leste, como opina Tomaz Pompeu Sobrinho, que o localizou em Ponta Grossa ou Jabarana; ou aqui mesmo, na Ponta do Mucuripe, no dizer de Varnhagen e posteriormente do nosso Capistrano de Abreu. Ou mesmo mais a Oeste, como julgava nosso consócio Guarino Alves que o localizou em Jericoacara, não importa, de vez que todos reconhecem a localização do "Rostro Hermoso" no nosso Ceará.

Deixemos as praias cearenses e voltemos as visitas para a foz do Tejo, em Lisboa; ou melhor, para Belém, onde uma esquadra

de 13 navios se preparava para partir, sob o Comando do Capitão Mor Pedro Álvares Cabral, de ilustre família lusa.

* * *

No dia 9 de março de 1500, um domingo, despediram-se os navegantes e D. Manuel, "o Venturoso", levou Cabral até à Praia do Restelo onde assistiu a seu embarque.

Na manhã seguinte, zarpou a frota; zarpou, levando soldados, marinheiros, religiosos e 2 degredados.

Os Comandantes e as tripulações eram constituídas do que de melhor havia em Portugal. A navegação estava assegurada. Dom Henrique Soares de Coimbra chefiava os religiosos, nenhuma mulher a bordo.

Com as saudades e o balanço do mar, começa o enjôo, natural nos primeiros dias, e a conseqüente sujeira dos navios.

Mas, aos poucos todos vão se acomodando e a Esquadra segue seu rumo tranqüilamente. Em breve passaria pela Ilha da Madeira e, em menos de uma semana, estaria ao largo das cobiçadas ilhas Canárias (dia 14) que o Papa entregara aos espanhóis.

Uma calmaria enervante, até que chegam os benditos ventos alíseos e em uma semana levam a frota ao Arquipélago do Cabo Verde (dia 22) conhecido dos portugueses que haviam descoberto suas ilhas.

Eis que, sem nenhuma explicação e nada que se pudesse atribuir a intempéries, sumiu misteriosamente a nau comandada por Vasco de Ataíde. Busca inútil; nenhum sinal do que poderia ter acontecido. A viagem prossegue; não por muito tempo, pois, entram os navios na zona das calmarias e ali permanecem 10 dias.

Foi então que Cabral, seguindo fielmente o que lhe ensinara Vasco da Gama, tão logo cruzou o Equador, começou a mudar o seu rumo para Sudoeste, executando a famosa "Volta do mar", passando a beneficiar-se dos ventos e das correntes marítimas.

Quando se celebrava o Domingo de Páscoa, pode dizer-se que a Esquadra já se encontrava em águas brasileiras e prosseguindo, encontrou (dia 21) os sargaços e os pássaros tão espe-

rados como sinais de terra firme. Na manhã seguinte já eram vislumbradas elevações em um litoral: "Terra à vista".

Na tarde de 22 de abril de 1.500, a Esquadra lançou ferros em frente ao Monte que passou à História como Monte Pascoal.

Eram decorridos 44 dias de viagem, entre o céu e o mar...

Na manhã seguinte, dia 23, quinta-feira, a Esquadra se aproxima lenta e cuidadosamente da praia, até atingir a profundidade de 9 braças (19m).

Diz Capistrano de Abreu: *"À distância de meia légua, em direito à boca de um rio fundearam. Nicolau Coelho, companheiros de Vasco da Gama, desembarcou e pôde observar alguns naturais, atraídos pela curiosidade, dar e receber presentes."*

Acompanhavam Nicolau Coelho, Gaspar da Gama (conhecido como o judeu da Índia) além de um grumete e um escravo; cada um falava pelo menos duas línguas, o que facilitava um primeiro contacto com os nativos. Estes se admiravam da indumentária dos que chegavam e de sua pele cabeluda, enquanto os visitantes se admiravam da nudez dos homens e mulheres e de não serem eles negros, nem terem a pele coberta de pêlos.

* * *

Na sexta-feira (24) velejaram os navios cautelosamente para o norte, em busca de um melhor ancoradouro. No final do dia encontraram um arrecife, hoje conhecido por Coroa Vermelha, que abrigava um ancoradouro grande e não distante do que hoje chamamos Porto Seguro.

Afonso Lopes, piloto da nau capitânia, foi mandado inspecionar o porto e aprovou seu aproveitamento. Encontrando dois índios levou-os para bordo e os conduziu à presença de Almirante Cabral, que os recebeu com certo cerimonial, como era de costume. Mas, os dois índios, com isto não se impressionaram, nem mesmo se aperceberam.

* * *

No dia seguinte (25) os navios entraram na ampla baía que hoje conhecemos por Baía Cabrália.

* * *

No Domingo de Páscoa, dia 26, Frei Henrique, em altar armado na Coroa Vermelha, celebrou a Primeira Missa, no Brasil, pregando o Evangelho e falou "do achamento desta terra", sob o Sinal da Cruz.

Cabral reúne seus Comandantes e, segundo Capistrano de Abreu, pergunta-lhes, ou melhor, consulta-os, sobre a convivência de mandar a el-rei a nova do achamento da terra... para S.A. a mandar descobrir.

Entendo que Cabral tendo descoberto o Brasil mas devendo prosseguir viagem para as Índias pedia a S.A. que a mandasse ocupar e explorar e a isto chama de "descobrir"...

Os dias que se seguiram foram de muito trabalho, tendo em vista o prosseguimento da viagem, a necessidade de chantar uma Cruz para assinalar a posse da terra e transferir os mantimentos, para os outros navios, desocupando assim o de Gaspar de Lemos que levaria a notícia do achamento, algumas lembranças da terra mas, nenhum índio aprisionado.

* * *

A 1º de maio foi chantada a Cruz que assinalara a posse da terra.

A 2 de maio partiram todos, exceto os dois degredados que ficavam para aprender a língua e os costumes daquele povo. Choravam em desespero e talvez ainda não soubessem que pelo menos dois outros companheiros teriam nas pessoas dos desertores que haviam faltado propositalmente ao embarque.

Para o Reino seguia a Carta de Pero Vaz Caminha e para as Índias a Esquadra de Pedro Álvares Cabral.

* * *

Antes da partida, ao chegarem à praia para reabastecer de água seus navios os lusos misturaram-se aos nativos que ali estavam para ajudá-los. Cerca de 400 "já mais mansos e seguros".

E dançaram todos e bailaram ao som de um instrumento "tocado por um marujo"...

(Palestra proferida no dia 05 de abril de 2000)